

Diversidade na sala de aula: representação da cultura afro-brasileira¹

Diversity in the classroom: Representation of Afro-Brazilian culture

Flávia Brocchetto Ramos²

Liliane Melo do Amaral³

Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul-RS, Brasil

A criança mistura-se com os personagens de maneira muito mais íntima do que o adulto. O desenrolar e as palavras trocadas atingem-na com força inefável, e quando ela se levanta está envolta pela nevasca que soprava da leitura.

(Walter Benjamin)

Resumo

A partir da implantação do Ensino Fundamental de nove anos, o MEC (Ministério da Educação), pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), distribuiu, em 2010, às salas de aula do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, acervos formados por obras paradigmáticas. Neste estudo, analisaremos o título *Seis pequenos contos africanos sobre a criação do mundo e do homem*, de Raul Lody. O artigo discute a representação da cultura africana na literatura infantil, apresenta a obra objeto de análise e, por fim, discute questões étnicas na obra destinada ao leitor criança. Assim, o artigo pretende contribuir para pensar a criança leitora como um sujeito que tem direito a conviver com a diversidade cultural, presente no Brasil e veiculada na literatura.

Palavras-chave: Infância, Cultura africana, Leitura, Acervos complementares.

1 Estudo desenvolvido no âmbito da pesquisa *Desafios e acolhimentos da literatura infantil: a mediação da leitura literária*, aprovada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, edital PqG 2012.

2 Doutora e Mestre em Letras pela PUCRS. Tem experiência na área de Educação e Letras, com ênfase em literatura infantil, focalizando leitura, literatura e mediação na Educação Básica. E-mail: ramos.fb@gmail.com

3 Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. E-mail: lillyamaral@yahoo.com.br

Abstract

After the implementation of the Elementary School in nine years, the Ministry of Education (MEC), by means of the Programa Nacional do Livro Didático (PNLD – The National Coursebook Program), distributed, in 2010, collections formed by supplementary teaching materials to Elementary School classrooms of the 1st and 2nd years. In this study, we analyze the book “Seis pequenos contos africanos sobre a criação do mundo e do homem” (“Six African short stories about the creation of the world and the man), by Raul Lody. The article discusses the representation of African culture in children’s literature, presents the object of analysis and, finally, discusses ethnic issues in the book, which is designed for young readers. Thus, the paper aims to contribute for the consideration of the young reader as an individual who has the right to live with cultural diversity, present in Brazil and conveyed in the literature.

Keywords: Childhood, African culture, Reading, Supplementary teaching materials.

A literatura é uma manifestação predominantemente verbal que tende a revelar e a problematizar aspectos da existência humana e, no caso da narrativa, um dos procedimentos que intensificam esse papel é a atuação da personagem. Tradicionalmente são direcionados à criança contos em que os protagonistas são brancos, evidenciando a reprodução de padrões europeus clássicos, sem a preocupação com leitores que pertencem a outras etnias. Essa tendência a privilegiar a cultura do colonizador branco tem sido expressa de várias formas. Destacamos o discurso da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, gravado em Oxford, em 2009, e difundido pelo *site* TED (*Technology, Entertainment, Design*). Adichie conta que, quando criança, imaginava somente histórias com personagens brancas, com hábitos e conflitos típicos de pessoas da Inglaterra e dos Estados Unidos. Na verdade, seu acervo de leituras era constituído apenas por histórias britânicas e

americanas, fator que a induzia a pensar que as histórias só poderiam ter personagens europeias. Nesse sentido, a escritora afirma:

[...] tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. (ADICHIE, 2009; 01:56, 036 min a 02:33,320 min).

Na origem da literatura infantil ocidental, encontramos enredos cujos personagens pertencem à cultura europeia, como nos conta Adichie. Entre os personagens dos contos de fadas, mesclam-se camponeses, príncipes e reis, mas todos são brancos. No caso da literatura infantil produzida no Brasil, o aparecimento de outras etnias além do português, como o índio e o africano⁴, é recente, embora houvesse um rico acervo de histórias orais contadas por índios e negros.

Os processos de conquista e colonização de territórios pelos europeus desencadeou a submissão das culturas indígenas e africanas àquela do colonizador. No entanto, essas etnias foram produzindo mecanismos de resistência e sincretismo para a sobrevivência de aspectos culturais dos seus grupos. Há estudos que afirmam que, “[...] a assimilação ocorre quando há uma absorção/destruição de uma cultura por outra” (CONFORTO, 2003, p. 164),

4 Excetua-se aqui a obra de Monteiro Lobato publicada para a criança a partir de 1920, na qual aparecem personagens negros.

num processo de colonialismo. Chimamanda Adichie alerta que, devido à falta de oportunidade para a difusão das diferentes vozes africanas, em geral os povos estrangeiros têm uma má impressão da África, vista como um continente marcado apenas pela pobreza, pelas guerras civis e pela AIDS. A história única divulgada sobre a África é a de uma terra (por muitos pensada como país) desolada pela catástrofe, cujos povos (por muitos chamados tribos) despertam apenas piedade e sofrimento. A escritora argumenta:

Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por elas mesmas, e esperando serem salvas por um estrangeiro branco e gentil. (ADICHIE, 2009, 06:08,080 min a 06:29,138 min).

Relacionando a história única com os estereótipos, Chimamanda Adichie pondera que o problema dos estereótipos não é que eles sejam mentirosos, e sim que eles são incompletos, generalizantes:

[...] a África é um continente repleto de catástrofes. [...] Mas há outras histórias que não são sobre catástrofes. E é muito importante, é igualmente importante, falar sobre elas. [...] A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes (ADICHIE, 2009; 13:27,971 min a 14:09,265 min).

Em relação à produção literária que circula no Brasil, Eliane Debus (2007) reitera que, durante muito tempo, a visão eurocêntrica permeou as histórias infantis, de modo que a voz do negro foi silenciada, seja pela exclusão de personagens negros nas narrativas, seja pela construção de conflitos do ponto de vista

hegemônico, trazendo a visão do “vencedor”. Assim, percebemos que, por meio da literatura, pode-se construir ou romper este-réotipos, inclusive os que se relacionam a etnias. Pela leitura de obras que apresentam a cultura africana, conhecemos um outro universo cultural, permitindo que se construa uma visão do outro sem exotismo ou piedade. Além disso, como lembra Debus, a literatura pode contribuir para a formação de identidades, já que a “[...] identificação com narrativas próximas de sua realidade e com personagens que vivem problemáticas semelhantes às suas leva o leitor a reelaborar e refletir sobre o seu papel social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica.” (2007, p. 1).

Desse modo, a leitura de obras de literatura infantil que apresenta as etnias africana/afro-brasileira com uma perspectiva de respeito ao personagem possibilitaria a construção de uma identidade positiva para as crianças, além de proporcionar um novo olhar sobre o “outro”, diferente na cor, mas igual na humanidade.

Assim, visando a contribuir para dar visibilidade a outras culturas, além das europeias, este artigo busca, em obras selecionadas por políticas públicas, aquelas que promovam a discussão posta. Focalizamos ações do governo brasileiro: o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e o Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Já realizamos estudos acerca de relações étnico-raciais no PNBE e parte foi publicada (RAMOS; NEVES; ORSO, 2011). Neste artigo, focalizamos uma obra selecionada, presente na sala de aula e que apoia diretamente nos processos de alfabetização da criança de 6 anos. O texto literário, objeto de estudo, pode contemplar a diversidade cultural de um país e, no caso, de uma das etnias que o integram.

Literatura em acervos complementares do PNL D

A criança ingressa cada vez mais cedo em ambientes escolarizados e, conseqüentemente, ocorrem adequações na escola, a

fim de acolher esse sujeito. No Brasil, mudanças, desde o mobiliário até o material didático, são implementadas para acolher a criança de 6 anos no ensino fundamental. No que tange ao material didático, apontamos a criação, dentro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), de um material denominado acervos complementares (BRASIL, 2009), alocado na sala de aula, visando a contribuir para as práticas educativas. O primeiro conjunto, distribuído em 2010, é formado por 150 obras – cinco caixas, cada uma com 30 títulos que contemplam as três áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Linguagens e Códigos e Ciências da Natureza e Matemática. Optamos por trabalhar com obras da área de Ciências Humanas e refletir acerca da educação para a diversidade.

Entre os cinco acervos, tendo como critério o que possuía a maior quantidade de títulos da área, elegemos o acervo⁵. No entanto, nem todos têm ligação com o conceito de *identidade cultural*, e, em primeira análise, foram selecionadas três obras para compor o *corpus* da pesquisa⁶: *Kabá Darebu, Seis pequenos contos africanos sobre a criação do mundo e do homem* e *A caminho da escola*, visto que são livros que discutem culturas distintas e podem contribuir para a educação para a diversidade, pois possibilitam “enxergar” o outro e, nessa relação, desenvolver a compreensão do que são as *identidades culturais* e o sentimento de alteridade.

Para este artigo, ao focalizarmos questões étnico-raciais de natureza africana, elegemos *Seis pequenos contos africanos sobre*

5 Os títulos deste acervo selecionados pela área de Ciências Humanas são: LODY, Raul. *Seis pequenos contos africanos sobre a criação do mundo e do homem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009; EDUAR, Gilles. *Ossos do ofício*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001; FONTES, Miriam Lopes da Mota. *Uma casa para viver*. Ilustração: Chantal. Belo Horizonte: Dimensão, 2008; TERNI, Fabia. *A caminho da escola*. Ilustrações Michele Lacocca. São Paulo: Studio Nobel, 2009; MANDURUKU, Daniel. *Kabá Darebu*. Ilustrações Marie Therese Kowalczyk. São Paulo: Brinque-book, 2002; REVIEJO, Carlos. *As casas de ontem e de hoje*. Ilustrações Teresa Novoa. Tradução Heitor Ferraz Mello. Curitiba: Base Editora e Gerenciamento Pedagógico Ltda., 2008; REPETTO, Juan Carlos Porta. *A diversão vai á escola*. Ilustrações: Miguel Casals. Curitiba: Módulo, 2008.

6 Este artigo é uma construção a partir de dissertação “Educação para a diversidade: acervos complementares do PNLD/2010”, de Liliane Melo do Amaral.

*a criação do mundo e do homem*⁷. A obra foi escrita e ilustrada por Raul Lody⁸, editada primeiramente, em 2007 pela Pallas, e reeditada em 2009. Foi o primeiro trabalho voltado ao público infantil realizado por Lody, no qual procura expor “[...] um mundo novo para o pequeno leitor, com muitas informações sobre a nossa rica cultura afro-brasileira.” (LODY, 2009, p. 32). A obra emerge no contexto do século XXI, pelas demandas sociais e legais, primeiramente pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que obriga as escolas ao trabalho com a *história e cultura afro-brasileira* e que, posteriormente, foi ampliada para cultura indígena, pela Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 (BRASIL, 2008). Raul Lody vem estudando as influências de diversos povos africanos, que constituíram as bases da formação social e cultural brasileira, principalmente no estado da Bahia. O título segue a linha de pesquisas realizadas pelo autor, revelando contos que “[...] são uma amostra da sabedoria que o Brasil recebeu da África. Elas falam da criação do mundo e de alguns deuses afro-brasileiros.” (LODY, 2009, p. 5). Assim, as narrativas são *mitos* ligados à cultura de povos africanos, que se radicaram e se transformaram em solo brasileiro. Tais mitos – transmitidos oralmente - cumprem função social, estão ligados ao passado e são pilares de diversas culturas.

Estruturada em três partes, a obra é formada por mitos de criação do homem/mundo/natureza para algumas tribos africanas. A introdução contextualiza por que os povos africanos vieram para o Brasil, seguem seis narrativas, que buscam elucidar ao leitor mitos fundamentais da cultura africana e encerra com um glossário com os principais termos da cultura afro-brasileira presentes nos textos.

7 Devido à extensão do nome da obra, para esse estudo se utilizará apenas a primeira parte do título *Seis pequenos contos africanos*.

8 O autor nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1952, e tem formação acadêmica em Antropologia e Museologia. Possui diversos estudos sobre religiões afro-brasileira, tendo em sua bibliografia livros como *Dicionário de arte sacra e técnicas afro-brasileiras* (2003) e *Santo também come* (1995).

Apresentação geral e materialidade da obra

Aspectos contextualizadores da obra orientam o leitor mirim a interagir e a compreendê-la. O primeiro dado a ser apontado é a *Introdução* (em duas páginas: 5 e 6), que orienta o leitor acerca da proposta do exemplar. Na primeira página, aparece o título e uma ilustração⁹ representando o corpo de *Dã*, uma serpente sagrada. Há a predominância das cores rosa e laranja e as figuras de triângulos, peixes e aves, ornando o corpo da serpente.

O autor explica ao leitor (p. 5), de modo breve e informativo, sobre a história da formação do Brasil. Relata que muitos escravos que povoaram o País não possuíam escrita, por isso sua tradição era passada pela oralidade, ou seja, “[...] a história de seus povos, os segredos da sua religião, os modos de fazer as coisas eram contados pelos mais velhos para os mais novos.” (LODY, 2009, p. 5). O modo de contar associa-se aos tipos arcaicos de narrador propostos por Benjamin (1987, p. 199), o “camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante”. Essas duas figuras se fundem na figura dos narradores/escravos, pois eles trazem consigo, da sua terra natal, as histórias vividas e sua tradição e as incorporam e misturam com experiências passadas na nova morada, como o próprio autor relata: “[...] as velhas lendas continuaram a ser narradas.” (LODY, 2009, p. 5). A narrativa foi o meio pelo qual essas histórias de deuses e da criação do mundo chegaram até os dias de hoje.

A *introdução* situa o leitor quanto à origem dos mitos e por que eles foram escolhidos para compor a obra. O texto mostra o posicionamento do autor em defesa da cultura afro-brasileira, quando ele enfatiza que “[...] Todos esses povos tinham sociedades bem-organizadas, culturas ricas, tradições bonitas.” (LODY, 2009, p. 5). Notamos o juízo de valor por parte de Lody, que manifesta sua paixão e apreço por essas tradições.

9 A ilustração, nessa obra, desempenha função explicativa e informativa, auxiliando a criança a entender dados culturais apresentados.

Formada pelos contos “A criação do mundo”; “Ogum: aquele que veio para ensinar”; “Odé, o caçador”; “Catendê, o dono das folhas”; “Quianda e Quicimbe” e “Ibejis, os gêmeos”, a obra dirigida ao público mirim, mesmo privilegiando personagens adultos, traz com propriedade, à infância brasileira, questões étnico-raciais.

Por integrar os acervos complementares do PNL D e pela comercialização em livrarias, o título tem alcance nacional. Para que a compreensão do livro não ficasse prejudicada, nas últimas páginas, o leitor encontra um *glossário*, com significados de nomes dos orixás e algumas palavras específicas da cultura. Refletindo sobre a presença desse material para a infância leitora, o glossário orienta o entendimento do conto escolhido.

O último aspecto a ser analisado, neste tópico, é a materialidade do exemplar. Ao examinar o livro, observamos que seu material e tamanho favorecem o manejo pelos alunos dos anos iniciais. As dimensões do exemplar são 22,5 x 20 cm e cada contém 32 páginas. Quanto à paginação, o numeral sempre vem acompanhado de uma ilustração referente ao conto veiculado naquela página.

O material utilizado na confecção do exemplar é de boa qualidade, apresentando capa e contracapa de papel-cartão envernizado 240g/m² e, no miolo, papel *couché matte* 150g/m² com encadernação de dois grampos no centro do livro. Essas características físicas do material indicam que os alunos, na faixa etária dos seis e sete anos, deverão ter facilidade de manuseio, pois o livro é leve e seu tamanho é adequado ao manuseio infantil. O autor do livro é também o ilustrador, circunstância que facilita a conversa entre imagem e texto. A técnica utilizada não está especificada e embora todas as imagens da obra sejam coloridas, cada conto elege cores predominantes.

Cada um dos contos ocupa quatro páginas, sendo que nelas encontram-se o texto principal, os textos auxiliares e as ilustrações. Em função de as narrativas serem breves, as imagens

ocupam uma parte significativa das páginas, chegando à totalidade do espaço. As ilustrações potencializam a palavra, pois dão cor e auxiliam o leitor na compreensão do mito narrado.

Considerando os aspectos relacionados, avalia-se que a obra *Seis pequenos contos africanos* dispõe de boa apresentação e encaminha o leitor à compreensão utilizando-se da introdução para contextualizar, do glossário para dirimir dúvidas sobre termos específicos, e das ilustrações, que ampliam a narrativa. A capa é convidativa, pois tem, ao fundo, a cor verde-limão, que chama a atenção, e a ilustração colorida da criação do mundo por *Olodumare*.

Na sequência, será realizada a análise do conto “Ogum: aquele que veio para ensinar”, observando enredo, personagens, tempo e espaço, suas representações das *identidades culturais* e potencialidades para a educação para a diversidade.

Conto “Ogum: aquele que veio para ensinar”: uma explicação cultural

A temática afro-brasileira, assim como a indígena, vem ao encontro da demanda social de reconhecimento e valorização dessas culturas que, junto às europeias, contribuíram para a diversidade cultural brasileira. Para aprofundar a questão da *identidade cultural*, visando à educação para a diversidade, foi selecionado o conto “Ogum: aquele que veio para ensinar”, visto que a narrativa discorre acerca da formação do homem, da ideia que viemos ao mundo com um objetivo, mas que há o livre-arbítrio, que possibilita aos sujeitos a escolha. Nesta análise, inicialmente serão discutidos aspectos do enredo, como personagens, tempo e espaço onde ocorre a história e, posteriormente, será problematizada a questão das representações das *identidades culturais* nesse texto.

O conto de “Ogum” faz parte da cultura afro-brasileira e expõe as atividades do orixá junto aos humanos. Para compreender

o que são essas entidades e sua função, utilizamos o estudo da professora da UCS, Loraine Slomp Giron, que há tempos vem pesquisando a temática da presença dos afro-brasileiros na região da serra gaúcha. Quanto à cosmologia e à religião desses povos, a pesquisadora afirma que:

[...] é composta por um conjunto de forças, as da natureza: os orixás. Além dos orixás, há toda uma gama de entidades espirituais. O principal dos quais é Olorum, que não é representado, nem corporificado. Ou seja, há o culto das forças naturais que são corporificadas nos orixás e outras não corporificadas. A relação que se estabelece entre entidades e os homens são feitas pelos orixás. Assim, os orixás constituem a ligação entre os homens e as divindades, como os santos para os católicos. (GIRON, 2009, p. 133-134)

Os orixás, tema do conto, intercedem pela humanidade junto ao divino, sendo uma de suas características a corporificação, pois os orixás são representados por figuras humanas com vestimentas e símbolos característicos da sua força, porém, as entidades superiores aos orixás não têm nenhuma forma imagética de representação, sendo consideradas apenas como energias transcendentes. A partir dessas considerações, será analisado o conto que trata da vinda de Ogum à Terra para ensinar aos homens a maneira adequada de utilizar os recursos naturais. Porém, as pessoas passaram a usar as ferramentas trazidas por *Ogum* para guerrearem entre si.

Todos os contos do livro, além de terem a narrativa principal permeada de pequenos textos auxiliares, explicam pontos do conteúdo central, orientando a criança acerca do conteúdo da história. O conto de *Ogum* inicia com um desses textos auxiliares em sua primeira página. Explica quem é o personagem principal, descrito como “[...] um grande guerreiro. Ele também gosta de sair pelo mundo em busca de aventuras. Para isso ele sempre usa uma

espada. Ou um facão. Ogum usa a espada para lutar em suas aventuras. Ele usa o facão para abrir caminho no mato.” (LODY, 2009, p. 10). O personagem é apresentado ao leitor como um guerreiro e aventureiro, características necessárias para ser enviado a Terra com a missão de “ensinar aos homens” a viverem aqui. A ilustração expõe no centro a espada, símbolo principal desse orixá, e, em volta, elementos ligados à natureza, como peixes, aves, jacarés, cobras e frutas, além de jarros e instrumentos utilizados para manipular alimentos, contribuindo para destacar aspectos centrais da narrativa.

Nesse conto, um segundo texto auxiliar descreve a profissão do personagem: “[...] Ogum fazia armas de ferro para os guerreiros e caçadores: espada, lança, facão. Ele também fazia ferramentas para os lavradores: pá, enxada, ancinho, foice. A ‘ferramenta’ de Ogum é um jogo de todas essas peças presas em uma barra de ferro.” (LODY, 2009, p. 11). É atribuída ao orixá a origem dos instrumentos de ferro, sejam eles utilizados para a guerra ou defesa, quanto para a agricultura.

A ilustração que acompanha o paratexto representa *Ogum* com ferramentas criadas para o homem. A imagem distingue a figura do orixá ao centro das diversas ferramentas citadas no texto verbal. Há a predominância das cores roxa e verde e o tom laranja, ressaltando o protagonista. Os desenhos evidenciam o que está sendo descrito na narrativa, pois, por se tratar de personagens do mundo místico, a ilustração auxilia a criança na compreensão do enredo.

Outro ponto observado é quanto à formatação desses textos auxiliares. Em todos os contos, os paratextos são apresentados com fonte em tamanho menor, quase como nota de rodapé, e a cor da fonte segue a cor predominante do conto. No caso de *Ogum*, a cor que se destaca é o roxo, assim, os paratextos são escritos com essa mesma coloração. Eles não seguem as linhas regulares, mas o

formato da ilustração, que está ao lado. No conto, o primeiro texto auxiliar é diagramado, seguindo a disposição oval, e o segundo imita o formato de “serpente”, como faixa que segura as ferramentas do orixá. A disposição mobiliza o leitor a direcionar o olhar para esses textos, cumprindo a função de facilitar o entendimento do texto principal.

Considerando a relevância dos paratextos para a compreensão do conto, a partir de agora, será analisada a narrativa central de “Ogum: aquele que veio ensinar”. O texto inicia resumindo o conto anterior da obra, chamado “A criação do mundo”, no qual é explicado que o mundo foi criado por *Olodumare*, com muitas coisas boas a serem aproveitadas. O mito fundador da cultura afro-brasileira também segue a linha identificada em diversas mitologias, de um ser supremo, criador de tudo, e que também criou o homem para usufruir desse lugar.

Em seguida, é apresentado o personagem principal, *Ogum*, pois, por ser um ferreiro, teria a função de “moldar” o homem, por meio do ensino do bom uso da natureza. Chama a atenção o modo como é registrado o surgimento do orixá: “[...] *Olodumare* enviou um mensageiro civilizador: *Ogum*.” (LODY, 2009, p. 11). Essa ideia de “civilizar” a humanidade acompanha a história da maioria dos povos, em graus diversos, mas as mitologias têm a função social de ensinar, por meio de história, qual é o comportamento adequado, utilizando-se de entidades maravilhosas.

Ogum é a primeira entidade do cosmo enviada a Terra. Ele é o escolhido por saber “[...] trabalhar com todas as ferramentas e armas, aquele que sabe até mesmo construir as ferramentas e fundir os metais.” (LODY, 2009, p. 13). Esse orixá tem condições, por “saber” fazer, de auxiliar a humanidade na tarefa de sobreviver no mundo criado por *Olodumare*. No trecho recém-citado, fica claro que o homem tem a necessidade de aprender a trabalhar para aproveitar e usufruir, da melhor forma possível, do mundo que lhe foi ofertado.

O fechamento do conto expõe a questão do livre-arbítrio que os indivíduos têm, pois, mesmo passando pelos ensinamentos trazidos por *Ogum*, o homem “[...] preferiu matar em vez de semear os campos, preferiu formar exércitos em vez de habitar pacificamente a terra.” (LODY, 2009, p. 13). No encerramento da história, fica explícito que, apesar de haver um planejamento, uma organização maior, o homem tem o poder da escolha, diferente dos animais e plantas, que se encontram presos em suas naturezas. Os seres humanos têm a capacidade de pensar e, por isso, decidir qual caminho seguir, baseados em suas experiências e aprendizagens. As possibilidades de escolha são pontos de “sutura”, usando o termo de Hall (2006), para a constituição do ser e da sua identidade. No entanto, na narrativa de *Ogum*, essa inclinação do homem para a liberdade não é algo visto positivamente, mas como uma desobediência às leis naturais.

Tendo como base a problematização do enredo, observa-se o engessamento do homem pelos orixás, por meio dos ensinamentos, e a liberdade do indivíduo sendo vista como negativa. A seguir, serão analisados aspectos dos personagens, principalmente *Ogum*, e o tempo e espaço em que é contada a história.

O conto tem como protagonista a entidade *Ogum*, conhecido como o ferreiro dos orixás, responsável por confeccionar todas as armas e ferramentas utilizadas no cosmos e na Terra. Escrito em terceira pessoa, a história é narrada sem a participação do narrador no conflito. Ele representa *Ogum* como uma entidade forte, guerreira, mas, ao mesmo tempo, atencioso, pois vem a Terra para ensinar o homem a como viver nesse espaço construído por *Olodumare*.

A representação visual de *Ogum* privilegia a grandiosidade do orixá. Sua imagem ocupa toda a página doze e sua espada, em primeiro plano, é maior do que a figura do orixá. De acordo com o antropólogo Roberto DaMatta (1986, p. 117), o Brasil é um país onde há um intenso sincretismo religioso, sendo possível frequentar

diversos templos e cultuar diferentes entidades. Esse sincretismo se dá pela mestiçagem ocorrida no processo de colonização e pelas dificuldades dos povos africanos e indígenas em cultuar suas divindades, pois eram forçados a tornarem-se católicos e encontravam modos de continuar com seus ritos, longe dos senhores. No caso de *Ogum*, há a associação com São Jorge, visto que os escravos identificaram nesse santo características semelhantes, como a bravura e, ainda, por ser um guerreiro.

Olodumare, ente supremo dos *iorubás*¹⁰, é personagem secundário. Por ser um deus, é tido como todo poderoso, criador do planeta Terra e aquele que dá a vida a todos os seres que o habitam. Na narrativa, determina a vinda de *Ogum* ao mundo para orientar os homens sobre como utilizar bem a sua criação.

A humanidade é representada como uma criança, que recebe um novo brinquedo, mas não sabe muito bem como usá-lo, e é preciso que um “adulto”, no caso *Ogum*, ensine-a a usar. No conto, o homem, em um primeiro momento, aceita esse aprendizado, porém, quando adquire certa maturidade, passa a dar novo sentido para o que aprendeu. Essa relação entre humanidade e divindade é representada por meio do homem sentado, que segura o mundo - no caso as frutas e animais - acima da cabeça e, entre os dois, há o desenho da espada, símbolo de *Ogum*, o intermediário entre os dois elementos.

A narrativa desenvolve-se em dois tempos, passado e presente. O passado é referenciado quando o texto fala da criação do mundo e do que *Ogum* fez pela humanidade. O texto diz: “Ogum ensinou o homem a preparar o campo para o plantio, [...]” (LODY, 2009, p. 13). O verbo “ensinou” remete a eventos acontecidos no

10 De acordo com Lody (2009, p. 30), “Iorubá: esse povo vive em alguns países da África Ocidental, como Nigéria, Benim, Togo e Gana. No Brasil, ele é chamado de nagô. Comparando-se com os bantos, veio para o Brasil um número menor de iorubás. Mas eles ficaram quase todos juntos na cidade de Salvador. Por isso, tiveram muita força para se organizar. As tradições iorubás são muito importantes na cultura afro-brasileira.”

passado, no caso, na criação do mundo. Em relação ao presente, é o posicionamento do autor, quando fala do personagem principal, *Ogum*, que remete ao tempo de agora, uma vez que o descreve como “[...] aquele que sabe trabalhar com todas as ferramentas e armas [...]” (LODY, 2009, p. 13) – o verbo *sabe* posiciona o personagem no presente, como ainda influente na cultura atual, no cotidiano dos indivíduos.

Apesar de se tratar de um conto originário de países africanos, e trazido ao Brasil pelos escravos, não há uma delimitação territorial da narrativa. Ela trata da formação do mundo e da humanidade de modo generalizador: “[...] A terra, o mundo e todas as coisas que haviam nele tinham sido criados e vivificados pelo axé, hálito de *Olodumare*.” (LODY, 2009, p. 11). Durante todo o texto, em nenhum momento, especifica-se um local, país ou região, sendo esse um traço das identidades culturais, pois a crença nessa história da criação do mundo não está presa ao espaço geográfico, mas ligada pela cultura, pelo grupo étnico que a envolve. Ou seja, não é necessário nascer em um país da África para crer em *Ogum* ou *Olodumare*.

O conceito de *identidade cultural* no conto “*Ogum: aquele que veio para ensinar*” está representado por duas questões. A primeira é a possibilidade de explicar, de modo diferente, o surgimento do mundo e do homem, por mais parecida que seja com outras mitologias, mas tem a sua particularidade, como o envio de um orixá para ensinar o trabalho, e não que o divino providenciaria. O segundo ponto é a conclusão que abre para a livre escolha dessa humanidade em seguir ou não o que a divindade solicitou. A percepção de que, por mais que o indivíduo se encontre em um meio, poderá modificá-lo, experimentar outras possibilidades de ser e de estar no mundo. O conto, assim como toda a obra, trata de um tema complexo, a religiosidade, principalmente a afro-brasileira, que envolve, por questões sociais e históricas, preconceitos e ambiguidades.

Conclusão

A eleição de determinada obra para compor um acervo que estará nas escolas públicas de um país é também uma decisão política acerca da valorização de determinada cultura, a qual passará a constituir a identidade dos leitores, nesse caso, crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. A opção por obras que privilegiem a diversidade cultural, entre elas a africana, é uma forma de permitir que as crianças, hoje, diferentemente da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, construam suas representações com imagens provindas de várias culturas. Abrir espaço e acolher outras vozes, outras culturas nas leituras a serem feitas pela criança brasileira é, pois, uma tentativa de contribuir para que o discurso literário seja dialógico, de modo que não se tenha uma história única circulando no imaginário dos estudantes. Temos tantas histórias quantos são os seus narradores, quantas são as culturas privilegiadas por meio de uma iniciativa que busca apagar o discurso monológico em prol das outras vozes que compõem o cenário nacional.

Colocar a cultura afro-brasileira no cenário escolar e na forma de livro, objeto socialmente valorizado, é, pois, uma forma sutil de valorização da criança dessa etnia que pouco se viu representada em narrativas escritas ou mesmo quase não se deparou com livros com histórias do seu povo. A cultura africana, nos títulos presentes na escola, pode ser vista como um ato de respeito, em que essa cultura também passa a ser valorizada e compõe o imaginário de crianças, independente das suas etnias.

As narrativas dessa obra, nascidas da cultura oral e, portanto, já testadas por muitos ouvintes, discutem a condição humana em uma perspectiva pouco explorada e silenciada pelo preconceito. Elas abordam questões relacionadas à origem do mundo e do próprio ser humano, às aproximações entre o divino e homem, enfim, a natureza humana. A presença efetiva desses mitos no

imaginário infantil atua como meio de coesão social na formação da criança que tem o privilégio de interagir com diversos modos de entender a constituição do mundo.

O contato, por parte do aluno e também do professor, com a cultura afro-brasileira, abre a possibilidade de a escola evidenciar, desde a infância, a diversidade de modos de viver e de explicar a realidade. Dessa forma, a literatura contribui para a conscientização de que nossas identidades são formadas por diversas experiências e que podemos nos transformar durante nossa vida. O respeito a todas as etnias, culturas, enfim, ao outro é essencial para que se construa uma sociedade mais justa e não se escrevam histórias únicas.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **The danger of a single story**. Oxford, Inglaterra, 2009. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html>. Acesso em: 23 jun 2010.

AMARAL, Liliane Melo do. **Educação para a diversidade: acervos complementares do PNLD 2010**. 2014, 150f. Dissertação, Programa Pós-Graduação Educação. Universidade de Caxias do Sul. 2014. Disponível em <<https://repositorio.uces.br/jspui/bitstream/11338/823/1/Dissertacao%20Liliane%20Melo%20do%20Amaral.pdf>>. Acesso em: 10 ago 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. **Acervos complementares: as áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 30 de nov. de 2013.

CONFORTO, Marília. Somos todos iguais? Uma questão de discurso. In: BILHÃO, Isabel (Org.). **Visões do Brasil: realidade e perspectivas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEBUS, Eliane. A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção. **Anais do 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL 2007**. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/smo8ss12_06.pdf>. Acesso em: 16 ago 2010.

GIRON, Loraine Slomp. **Presença africana na serra gaúcha: subsídios**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LODY, Raul. **Seis pequenos contos africanos sobre a criação do mundo e do homem**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

RAMOS, Flávia Brocchetto; NEVES, Nathalie Vieira; ORSO, Aline Crisleine. Vozes d'África no PNBE 2008. **Antares**, v. 3, n. 6, jul./dez. 2011, p. 187-207.. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/990/950>>. Acesso em: 10 abr 2014.

Enviado em: 29/08/2014. Aprovado em: 10/11/2014

